



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Suely Bascu FG171

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.010.SIN e TRA

Entrevistado/a: Suely Bascu

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries, Susana Storchi Grigoletto e Tânia Tonet

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 16 de junho de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Imigração italiana: motivos, expectativas, chegada e realidade encontrada, adaptação.

Imigração: relato de viagem (problema próximo ao Canal de Suez).

História familiar: avós.

Transcrição:

Tânia: Por favor, o seu nome?

Suely: Suely Bascu.

Tânia: Data de nascimento?

Suely: Ah, sou belicosa, sou da época da Primeira Guerra Mundial. Sou de vinte e sete de novembro de 1914, portanto, completei oitenta anos em novembro do ano passado.

Tânia: Suely, a tua família, os teus pais, vieram da Itália?

Suely: Não, os meus avós.

Tânia: Os teus avós.

Suely: A minha avó é de Belum [Belluno], e o meu avô é da França. Vovô é de Lourdes. Quer dizer que as duas nações e os dois casaram aqui na Colônia de Caxias.

Tânia: E por que eles decidiram imigrar?

Suely: Bem, a Itália, estava atravessando uma época muito difícil, em que as pessoas sofriam muito em virtude da diferenciação..., da falta de emprego, da falta de condições de trabalho. Então, eles se viram na necessidade de imigrar mesmo para o próprio, para a própria subsistência, porque ali na

Itália não havia maiores possibilidades de eles conseguirem..., se equilibrarem, equilibrar o orçamento familiar em virtude das grandes dificuldades que atravessava o país.

Tânia: Quem é que te contava essas histórias da Itália, da viagem, de tudo isso?

Suely: Ai, a minha avó! A minha avó era uma narradora de histórias maravilhosa! Eu vivi, eu vivi todo o problema da viagem deles, eu me senti apaixonada pela Itália! Me senti apaixonada pelo trabalho que eles fizeram, pelas dificuldades que eles tiveram a bordo mesmo. A vovó contava que quando eles vinham, o navio teve um problema nas proximidades do canal, e que os..., os...

Tânia: Os marinheiros?

Suely: Os imigrantes.

Tânia: Os imigrantes.

Suely: Tiveram que parar e estavam quase sem alimentação e viviam mal. Então, a vovó contava que eles tiveram que descer do navio para trabalhar. E foram trabalhar, ah, transportando, a nona dizia *gèra*, sabe o que é? Nós chamávamos de..., mas como é que eu vou dizer agora?, não é areia, mas são pedaços de pedra que eram cortados assim, ali na hora, e que eles chamavam de *gèra*. E estavam fazendo como que o aterramento da parte do canal de Suez, não é? Ali ficaram mais de um mês, ouvindo e trabalhando para se sustentarem, porque eles não tinham com o que viver. Eles vieram paupérrimos da Itália. Não vieram ricos, não. Meu avô, ao contrário, meu avô veio da França, e quando vovô veio da França, ele veio num navio comandado por um irmão dele, que era o responsável, o comandante deste navio. Mas esse navio não parou aqui. Parou no porto de Rio Grande, e o vovô desceu no porto de Rio Grande, e o navio seguiu viagem até o Chile, aquela zona. Tanto que esses dias, abrindo um atlas, foi com uma satisfação, mas também com uma surpresa sem tamanho, que no sul do Chile eu encontro um Cabo Bascu. Não sei a origem do Cabo, mas vou investigar e aqui a alguns anos eu vou contar pra vocês o que foi que deu origem ao Cabo Bascu.

Tânia: Suely, a tua avó te contava se foi difícil essa separação da terra de origem?

Suely: Olha, aqui também eu posso fazer uma comparação entre vovô e vovó?

Tânia: Sim.

Suely: Então, o vovô dizia até o fim da vida: “Eu não quero morrer sem voltar à França. Eu quero voltar à França”. A minha avó dizia: “Nem que eu receba todo o ouro da terra, eu vou voltar para a miséria da Itália”.

Sônia: E assim, dona Suely, ela contou como é que foi a viagem da casa dela até o porto para depois pegar o navio?

Suely: Sim, dificuldades sem tamanho, né? Dificuldade sem tamanho. As crianças..., a vovó tinha perdido, há pouco tempo, a mãe e ela vinha como irmã maior, cuidando dos irmãozinhos. E vinha o pai dela também, que ainda não havia contraído segundas núpcias. Então, essas crianças dependiam todas da vovó. E..., aquela dificuldade louca: falta de alimento, falta de roupa, falta de tudo, né? E eles viam no Brasil a solução de todos os problemas. Eles estavam, assim, ansiosos por chegar a essa terra, essa terra boa, essa terra dadivosa que os recebeu assim de braços abertos. Eles encontraram dificuldades no Brasil, não resta a menor dúvida, mas eles sempre foram queridos pelo povo brasileiro. Eles adoravam o Brasil. A vovó adorava o Brasil, a vovó era, assim, apaixonada por essa terra. E chegaram. A vovó chegou aqui quando não havia nada nessa terra, coisa nenhuma. Eles se alimentavam com pinhões, eles se alimentavam com frutas silvestres. E de noite, eles organizavam pequenos fogos para afastar os animais ferozes. Porque eles entraram em plena mata virgem quando chegaram aqui. A vovó veio com a imigração de 1875.

Sônia: Os primeiros.

Suely: É. E acompanhavam a vovó, junto com a vovó, veio também o senhor Bortolo Triches. Me recordo dele de uma maneira especial, porque era muito amigo lá de casa, viu.

Tânia: E eles chegavam onde, Suely? A tua avô te contava, chegaram em?...

Suely: Sim. Eles chegaram lá naquela partezinha lá embaixo, eu digo lá embaixo no [São Sebastião do] Caí. E eles vieram, eles desceram do navio no Porto do Rio Grande, depois vieram até ali na zona de Porto Alegre. De Porto Alegre vieram até o Caí e ali no Caí eles tomavam o *Vaporetto*, para subir esta parte.

Sônia: E chegando aqui, ela ficou no barracão dos imigrantes ou?...

Suely: Ah sim! Ela ficou no barracão dos imigrantes. Mas, tempos depois então, vovô começou a cortar os pinheiros e montar uma pequena choupana, uma casa..., uma casa com todo o conforto daquela época e tenho mais a te dizer, a minha casa ainda conserva uma tora que foi cortada pelo meu avô na época da imigração. E é uma tora que..., a minha casa teve algumas remodelações, mas aquela parte ficou. E tu sabes que quando chove, quando vem temporais, chuva de pedra e que eu estou em outra parte da casa, eu corro ligeirinho para aquela peça, porque ali eu me sinto segura, me sinto protegida. Me sinto protegida porque eu, eu sinto que ali embaixo é uma tora, é um pinheiro inteiro, que é o alicerce da minha casa. Podes ir lá que eu te mostro.

Tânia: Que bonito, né? Deixa eu só ver se ela quer contar mais alguma coisa, tens mais alguma coisa da viagem que tu querias contar?

Suely: Da viagem, olha da viagem eu não recordo. Eu sei que a *nonna* cantava muito. Eu ouvi esses dias até..., cantando: *Dall'Italia noi siamo partiti/ In Brasile noi siamo arivatti/ E no abbiamo trovato né fieno, né pane/ Solo la terra dove restiamo*. Ah! Abrigados na terra pra poder dormir, pior do que os animais. Eu me lembro que a vovó dizia, e que era de fato um retrato do que eles haviam encontrado aqui, naquele povoadinho do início, não é?

Transcrição em: Setembro de 1995.

Por: Sônia Storchi Fries.

Revisão em: 28 de outubro de 2010, 19 de dezembro de 2024 e 13 de fevereiro de 2025.

Por: Sônia Storchi Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea.

Duração: 10 minutos.

Observação: